

ESTADO DA
PARAHYBA
ANO III

01 DE JULHO
DE 1892

Estado do Parahyba

ORGAM REPUBLICANO



ANNO III

Impresso a vapor na machina "MARINONI" de propriedade do Sr. Manoel Henriques de Sá.
OFFICINAS
37 RUA MACIEL PINHEIRO 37
PUBLICAÇÕES SOB AJUSTE.

SEXTA-FEIRA, 1 DE JULHO DE 1892.

ESCRITORIO E REDACÇÃO:
6—Rua Visconde de Inhauma—6
(ENTRADA PELO OUTÃO)

ASSIGNATURA

CAPITAL	54000	INTERIOR E ESTADOS	
SEMESTRE	18000	ANNO	138000
MEZ	18000	SEMESTRE	78000
NUMERO AVULSO	1100	TRIMESTRE	49000

PAGAMENTO ADIANTADO.

N.º 545

Umbuseiro e Natuba

Tão flagrante e contra todos os principios de moralidade administrativa foi o acto que transferio a sede da comarca de Umbuseiro da villa deste nome para a povoação Barra de Natuba que propositalmente abstermo-nos de analysal-o, deixando que essa noticia tivesse tempo de chegar ás ultimas paragens do estado, para no refluxo, pezar-mos a impressão que produzira.

Effectivamente não foi differente o pronunciamento quasi unanime de todos, do juizo que tinhamos formado, logo depois de praticado tal acto.

Sob nenhum onto de vista pode ser justificado o procedimento do governo determinando a transferencia: nenhum principio de utilidade publica, nenhuma conveniencia do quer que seja, nenhuma melioria material nenhum favor ao publico. Só ao arbitrio caprichoso pode ser imputado, porque nenhum governo que pezasse bem as condições de ambas as localidades jamais praticaria acto tão abstruso, tão contrario ás boas normas da mais elemental moral em que se devem pautar seus actos sob pena de serem taxados com justica de desleas e levianos.

Por sua posição geographica a nova e florentes villa de Umbuseiro está destinada para sede natural da comarca: situada nos limites com Pernambuco, é uma sentinella avançada para a guarda de nossas rendas, está a 4 leguas de Bom Jardim, grande emporio commercial que absorve todos os seus productos, e offerece elementos materias de vida de que carece absolutamente Natuba.

Esta localidade decadente, abandonada, em verdadeiras ruinas, isolada e distante de qualquer centro de vida commercial, apresenta as piores condições possíveis para sede de qualquer cousa; e ha muitos annos considera-se um lugar deserto que por nenhuma vantagem se quereria habitar.

A posição topographica é pessima: de um lado orio que nas cheias frequentes inunda, causando-lhes muitos estragos, arrasando completamente as casas; do outro lado a serra enorme, que rouba-lhe toda a perspectiva, como é um obstaculo para toda a expansão material.

Accresce que os treze unicos cazebres que existem estão de tal sorte arruinados pelo abandono de seus antigos donos e principalmente pela invasão frequente das cheias, que ninguém querera occupal-os com medo de que de uma hora para outra desabe-lhe sobre a cabeça.

Nem uma venda, nem uma loja, nem uma taverna, nem uma bodega, nem feira, nem sequer transito de almocreves!

E é para um lugar desta ordem que é transferida a sede natural de uma comarca que estava collocada no lugar mais proprio, mais facil e necessario de uma circumscripção.

Acreditamos que o governo praticando tal acto accedea a pedidos que tinham por fim satisfazer paixões menos nobres, odios azedados de despeito, porque aquelle lugar evocava quadros de tempo de serviços outros prestados, inteiramente destoantes da norma actual.

Sob pena de incorrer na pécha de um accumulamento de principios disparatados e caprichosos nenhum governo, a não ter aquella resalva, jamais praticaria um acto desse jaez, porque isso denotaria uma ausencia completa de criterio administrativo, uma falta de orientação no tocante aos principios da sciencia governamental que baseia-se no asseguramento de fornecimento de todas as condições moraes e materias aos habitantes.

Não houve acto nenhum de justiça reparadora ás tradições de Natuba.

O facto unico que da-lhe jus á uma referencia na historia, foi ter-se dado em suas ruas um combate entre as forças legaes e os revolucionarios praeiros a 30 de dezembro de 1849, e nesse combate ter tomado parto um segundo tenente que portou-se com muita bravura, merecendo por isso ser recomen-

dado em ordem do dia. Esse segundo tenente chamava-se Manoel Deodoro da Fonseca.

Mas isso foi um facto accidental, mero producto do acaso, donde a Natuba só pode activar uma gloria relativa, porque não sendo centro de operações nem quartel dos revolucionarios, a cousa tanto podia dar-se ali como em outra parte onde se operasse o recontra das forças.

Contra a clamorosa injustica da transferencia da sedé da comarca de Umbuseiro para a Natuba, contra este facto que obriga os empregados publicos a terem residencia necessaria em um lugar que carece todos os condições materias para o mantimento de existencia, contra a prepotencia caprichosa e bastarda de quem por motivos leves e tacanhos insinuou e concorreo para isso, pedimos providencias.

MONTA E REMONTA

Começou já a ensopar-se de sangue o solo heroico do Rio Grande. Não queremos ser terroristas, mas perante os factos eloquentes na sua simplicidade assustadora, tudo que for disfarçar a verdade, tudo o que for embucal-a em mantos de condescendente optimismo, é um abuso da confiança que em nós deposita o publico, eredor de ampla lealdade e digno de rasgada franqueza.

O sangue espadanou já, como espadanou em Mattogrosso, no Ceará, em Pernambuco, no Rio de Janeiro, em S. Paulo, a golpes desta politica nefasta, que tem a lastrado por toda a parte, a pretexo de ordem publica, de reorganisação republicana, a desuniao fratricida, a orphandade, o luto que hoje ennegrece a patria brasileira.

E' o principio, por ora, e sem recorrer-mos a outros oraculos que não sejam o estudo da historia, o conhecimento do brio e da altivez do Estado convulsionado, o principio immutavel de que todo o povo reivindicará, mais tarde ou mais cedo os seus direitos confiscados, podemos vaticinar que scenas mais dolorosas, morticinas mais avultadas mancharão a Republica, senão houver em todos os espiritos, nesta crise grave da nacionalidade brasileira, desprendimento e abnegação, o sacrificio mutuo das transigencias conciliadoras, que sepultando vaidades, vitalisam os povos.

O momento é muito serio para que em nós aponte uma idea systematica de opposição, um desejo condemnavel de agravar desordens, de fomentar desconfortamentos, quando o paiz inteiro requer para não declinar a rampa do descredito que encaminha para o sorvedouro, ordem, bom senso, o heroismo das consciencias patrioticas, muitas vezes superior ao heroismo marcial das bayonetas e dos combates.

A situação do Rio Grande é na verdade delicadissima, cheia de mysterios, porque as ameaças da tempestade podem converter-se em cyclone, se nessa convulsão de um Estado perigar e subverter-se a credito das instituições pelas quaes nós batemos, na esperança de que ellas marcessem para o Brazil uma aurora de grandezas.

O caso no Rio Grande não é um caso particular, como muita gente suppe, não é só o problema da autonomia estadual que ali se debate, é a questão do regimen, da politica da União que ali se controverte. E' um caso republicano, é um caso de pathologia institucional. Quem conhece o caracter do rio-grandense, a sua coragem indomita, os seus instinctos de liberdade e independencia, communs, segundo o criterio ethnologico aos povos habitados á dominación dos horizontes largos; quem conhece os precedentes desse povo, as suas afirmações de altivez, o seu amor, mesmo nos tempos do despotismo imperial, ás suas tradições de integridade e autonomia, não se convence por certo de que fizesse n'um simples passio sedicioso o movimento profundamente revolucionario que se deu na capital daquello Estado.

Os primeiros encontros dos partidarios civis mostram que as facções que disputam o poder são irreconciliáveis, porque neste paiz, infelizmente tão baldo de educação civica, as personalidades seduzem mais do que as idéas, a idolatria dos homens é mais forte que o amor quasi sempre abstracto dos principios.

So por ora, sem o concurso da força armada os cidadãos se batem, o que succederá quando generaes de prestigio, no desejo de desafrontar o seu nome, o crime que lhes inflingiram, quizerem por qualquer meio reivindicar a autoridade e a influencia empanadas por esse acto de transmissão de poder, que pretendem, justa ou injustamente, constitucional ou inconstitucionalmente, regular os destinos do Rio Grande? Quem quizer, enganando a si proprio, attenuar a gravidade das occorrencias, prepara-se para uma grande desillusão e ludibria o sentimento nacional.

De modo nenhum nos queremos pronunciar sobre os acontecimentos do Estado, inclinando-nos para uma ou outra fracção militante, porque nos fallece competencia para isso.

O estado é autonomo, tem de se administrar por si mesmo, dentro dos principios consagrados no nosso estatuto federal, e desde que a opinião se manifeste, desde que ella suffrague legalmente a politica de um dos candidatos ao poder, a nós só cabe acatar essa deliberação, porque ella exprime a vontade popular, a vontade soberana, porque só ella interpreta os sentimentos

e as aspirações dos habitantes dessa parte do territorio nacional, e todos os que a pretenderem ferir, golpeam-se a si proprios e as instituições que adoptamos.

Podemos, porém, analysar os acontecimentos e dessa analyse só resulta para nós a previsão de grandes calamidades publicas, se o espirito de solidariedade patriótica, que animou os americanos, ao darem ao mundo o monumento da sua constituição, não pairar sobre nós, inspirando-nos para consolidarmos na pratica o que se já codificou na theoria.

Nos acontecimentos do Rio Grande ha uma grande lição, que affecta a politica desvairadamente professada pelo governo da União. O illustre Sr. Julio de Castilhos, republicano dos bons tempos, em que era um perigo sustentar as idéas hoje triumphantes, foi deposto a pretexo de ter apoiado a dictadura de 3 de Novembro. Vencendor a reivindicación legalista, que levou ao poder o legitimo successor do marechal Deodoro, entendeu o vice-presidente da Republica, mal aconselhado por homens que, á sombra da restauração constitucional queriam usurpar o poder em diferentes estados, dissolver congressos e tribunales, concorrer para a deposição de quasi todos os governadores, convencido de que as reclamações dos ambiciosos eram a expressão dos descontentamentos populares.

Veiu então essa comedia, em alguns pontos tragica, meio aristophanesca, meio eschylana, que deitou por terra os depositarios do poder constituído.

Erguemos a nossa voz de protesto, porque não ha nada peor em politica do que armar n'um regimen legal infracções da propria lei. As deposições continuaram, e a batuta federal regia-as á grande orchestra com rufos de bombardeios e surdinas de perseguições.

De repente surge a conflagração no Rio Grande—e o que vemos? O presidente constitucional deposto por uma revolução, a pretexo de ter apoiado o golpe de estado de 3 de Novembro, dirige-se a palacio, entre aclamações populares, toma conta do poder e transfere-o, momentos depois, ao Dr. Victorino Monteiro.

A interrogação que acode ao bico da nossa penna, já identificada com as magicaturas da situação, é esta: reconhece ou não o Sr. marechal Floriano Peixoto, como legal, o governo do honrado Sr. Dr. Victorino Monteiro?

Seja qual for a solução particular que o patriotismo dos rio-grandenses possa encontrar para o caso, a politica federal, o governo da União, é que fica desequilibrada, exposta a consequências e desprestígios, caso aceite e reconheça a situação creada naquelle estado com o movimento de 17 do corrente.

Supponhamos que o governo intervem, apoiando o Dr. Victorino Monteiro, desde já para evitar uma hecatombe, a desmoralisação da propria republica, que, nascendo vivavel com toda a resistencia organica, está já enferma e chlorotica, como um fructo de ligações bastardas.

Neste caso perguntaremos:—a que titulo o governo do marechal Floriano Peixoto reconhece como autoridade legal o Dr. Victorino Monteiro, se elle recebe o poder das mãos do Dr. Julio de Castilhos, presidente constitucional deposto? Se o illustre republicano rio-grandense, considerando-se depositario do poder, transfere-o, por vontade propria, a um cidadão, possuidor da confiança do marechal (é uma hypothese que vimos formulando) o governo reconhece; então toda a politica do Sr. vice-presidente da republica está errada e o seu procedimento approbatorio em taes circunstancias é a sancção previa de qualquer movimento nos outros estados com o fim de legalisar a restauração legal, fazendo os governadores destituídos dos seus cargos entregar aos seus successores o poder de que se achavam investidos.

Foi o mesmo principio falso e desorganizador da reivindicación legal, que criou em quasi todos os estados do Brazil esta duplicidade de governos de congressos e magistraturas, que achincalha e compromette nossas instituições.

Quo o Sr. Dr. Julio Castilhos era o depositario legal do poder, ou não. Se era, para que consente que elle na sua qualidade do presidente constitucional, entregue o governo a um cidadão, que, segundo se diz, tem o apoio do marechal vice-presidente da Republica?

Na legalidade e na dictadura ha sempre uma coherencia—quer ella seja da lei, quer ella seja da força. Codigos e bayonetas obedecem á uma logica. Essa qualidade é que desapareceu do scenario da politica brasileira e a sua ausencia é do máo pronuncio, porque ella significa atordoamento e confusão, a perda das grandes bussolas com que se governa um paiz educado nas tradições da liberdade e da justiça.

Si este precedente ficar de pé pela pacificação do Rio Grande, os outros estados hoje ou amanhã reclamarão o cumprimento exacto do direito estabelecido.

Sujeitar-se-hão os generaes dissidentes do illustre Sr. Dr. Julio de Castilhos a semelhante estado de coisas, ao reconhecimento de uma autoridade contra quem se manifestaram?

O momento é todo de interrogações angustiosas para a patria e para a Republica. Eis a consequencia desta politica, que, para restaurar a lei, principiou sophismando a constituição. Não é tarde ainda para um sacrificio que a nação bem merece, atormentada por todas as duvidas, descrente dos homens e dos principios.

O exemplo tem de vir do alto. A republica não é um loteiro de fanaticos; é uma escola de civismo. De o primeiro signal quem é responsavel pela politica que transformou uma nação unida n'uma nação regida pela violencia e pela desordem.

D' O Paiz

Marechal Almeida Barreto

Lemos n' O Paiz de 23.

«O Sr. Saldanha Marinho saudou na sessão de hontem o marechal Almeida Barreto, que devia festejar o seu natalicio nessa data, se não estivesse soffrendo os horrores do exilio.

Faz a proposito algumas considerações politicas e offerece ao seo collega expatriado—como presente de annos, já que outro não possui—o discurso do deputado Dr. Luiz Murat que O Combate de hontem publica.»

Vibram-nos as facultades affectivas lendo estas nobres palavras cheias de melancolica saudade, proferidas pelo veneravel vexillario da liberdade, pelo homem que mais emilentemente consubstancia a ideia republicana.

E bem merece esse preito aquelle nobre e heroico soldado que hoje em inhospitas paragens onde a fereza da justiça do tribunales não ousaria relegar a ralé da sociedade, a lia escoada nos sorvedouros do crime, soffre o pezo injusto e assassino da prepotencia miseravel e covarde.

Mas a justiça ha de ser feita.

Aguardamos a brilhante oração do Dr. Luiz Murat, que alem do seo merito intrinseco, vale mais como uma offerenda votiva consagrada pelo pontifice maximo da democracia na terra brasileira.

OS DESTERRADOS

O Sr. deputado Dr. Luiz Murat, diz o «Paiz» de 15, occupou hontem a attenção da camara, mostrando com a leitura de uma carta de um dos desterrados de Cucuy, o abandono e a miseria barbara a que se acham aquellas victimas dos decretos de 10 e 12 de abril.

A camara impressionou-se visivelmente com a narrativa dessas desgraças, a que, a eloquencia do nosso confrade emprestou toda a vibração da sua alma republicana.

Hontem a «Cidade do Rio» publicou tambem outra carta de um dos desferrados de Cucuy, expondo as circunstancias da sua monstruosa perseguição, os vexames e os soffrimentos que curtião, os perigos a que estavam sujeitos no cumprimento da ordem desse abominavel degredo.

Vimos as duas cartas, ambas assignadas por nomes illustres, uma de official com alta patente no exercito, outra de homem que representa uma das maiores glorias da democracia brasileira. Ambas nos compungiram e enlutaram.

Os desterrados ficaram em meio do caminho, impossibilitados de seguir pela força das enchentes e pela dificuldade de transportes. No logar donde escrevem ha tres casas e dois barracões, um delles coberto de palha, cheio de pedras, por onde entram á noite os morcegos—a habitação forçada desses infelizes. Perto do lamaçal fica o cemiterio. Como o rio continúa a encher ficaram ilhados, esperando a cada momento que a agua invada a barraca e suspendam as redes sobre lamaçaes!

São elles proprios que cozinham, aproveitando-se dos viveres que comprão em Manãos o conde de Leopoldina, porque os do governo acabaram.

Dahi por diante os desterrados têm de seguir em canoas tripoladas por indios, expostos ao sol e á chuva, passando tres e quatro dias sem encontrar uma pousada e obrigados a dormir no matto como bestas feras ou sentenciados evadidos.

Lembrando-se a gente de que o Sr. vice-presidente da Republica permittiu a estes homens levarem suas familias para Cucuy, tranzo-so a alma de horror.

Ja não é em nome dos principios republicanos de liberdade e de justiça, é em nome da piedade humana que pedimos ao congresso, que pedimos ao chefe do estado um pouco d'essa solidariedade affectiva que nos deve ligar a todos, vencedores ou vencidos! Não vão unicamente esse homens que soffrom—é a Republica tambem.

Estado do Parahyba e Almeida Barreto

No Jornal do Commercio, de 23 encon- tramos mais ampliado o resumo das nobres e elevadas palavras proferidas no senado pe- lo venerando decano da democracia brazileira a respeito do inclyto desterrado marechal Almeida Barreto.

Dois grandezas da patria, dignas uma da outra!

No dia anniversario deste bravo e denoda- do soldado cujos postos foram alcançados em tantas quantas das gloriosas crebras a patria em seus fortes militares, n'esse dia em que as homenagens unanimes deviam convergir para festejar uma gloria nacional que elle merecidamente representa,—alho o solda- do valente e glorioso jaz immerso nos pal- tudos lamacões de uma região inhospita e li- thifera...

Mas esse brado triste e desalentado do ve- nerando Saldanha Maranhão synthetisa o grito irreprimivel da consciencia nacional garrotada! E é bastantes...

Eis as generosas palavras do illustre se- nador:

O Sr. Saldanha Maranhão, pede permisso para di- rigir um voto de animação ao senador desterrado, o Sr. Almeida Barreto, nada de hoje, o do seu anniversario. A esse homem de bem, a esse bravo, que hoje se acha condemnado á morte indirectamente nas regiões do Alto Amazonas, em lugares de que tem as peiores noticias, não deca por tal modo de dirigir um voto cordial pela sua prosperidade e para que intervenha a Providencia de modo a fazer cessar de vez os effeitos da condemnacão a que foi elle sujeito pelo vice rei do Brasil.

Não tem para apresentar o seu digno collega, cujas immuni- dades foram descaçadas, assim como as de todos os senadores, directos ou indirectos, não tem, repeto, para offerecer como presente do anno a esse digno e her- oico senador expatriado, outra coisa senão o discurso proferido na Camara dos Deputados pelo talentoso jorna- lista, que tantos serviços está prestando á causa da patria, o Sr. Luiz Murat.

Termino, pedindo aos autores das arbitrariedades pre- sentes que reconsiderem o seu acto e se convençam de que o futuro lhes fará justiça.

Abraça o seu estimavel collega, cujas immuni- dades foram cruelmente despachadas pela fôrça do despotismo do vice-rei.

No Combate está publicado o discurso de Luiz Murat. Offereço ao seu collega, como unico presente de annos que lhe pode offerecer.

E' triste dizel-o: Republica como esta não é certamente a que architectou quando affrontava as iras do Imperador, que aliás tratou-o sempre com respeito.

D'esta Republica pôde-se e deve-se dizer—Qual Deus averta!

Pede a Deus que dá á Republica melhores dias; os de hoje são tão escuros como está a sala do Senado;

CAMARA DOS DEPUTADOS

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 27 DE MAIO DE 1892

(Conclusão)

O Sr. Epitacio Pessoa.—Sr. presidente, preciso chamar a attenção de V. Ex. para um ponto capital nesta questáo, e é que a mensagem apresentada o anno passado pelo poder executivo ao congresso nacional, tambem historiana e motivava os acontecimentos de que fora theatro aquelle estado do norte da Republica.

Entrando, representando o requerimento que se acaba de ler, nenhum dos deputados que apoiam agora a indica- çáo da maioria lembram-se de pedir que a mes- sagem fosse enviada á commissáo de legislaçáo e jus- tiça para ser estudada na parte referente á sedicáo do Pará; nenhum dos deputados que apoiam agora a indicaçáo da maioria lembrou-se entáo de dizer que aquelle não era o meio competente e regular para co- rreger taes erros e omissoes, que não cabia á Camara e sim á uma commissáo solicitar taes informa- ções.

O Sr. CASIANO DO NASCIMENTO—Este argumento é simplesmente esmagador.

O Sr. DEPUTADO—E' irresponsavel.

O Sr. ANTONIO Lobo.—Na occasião em que foi apre- sentado esse requerimento a que alludo o nobre depu- tado, apresentou-se na commissáo um projecto de lei concedendo amnistia aos revoltosos.

O Sr. Epitacio Pessoa.—E' para admirar que naquelle tempo, quando os nobres deputados constituíam a opposição ao governo do marechal Deodoro, não fos- sem invocadas as praxes da camara dos representantes americanos, nem os principios salubres do direito par- lamentar, para dizer-se: não, vos seguia um caminho errado; a praxe, unica correcta, unica geral, é a que manda que estes requerimentos não sejam levados ao conhecimento do poder executivo sem parecer da commissáo de justiça; e mesmó a Camara é incompetente para fazer um tal pedido; essa competencia é privativa da commissáo.

O Sr. ANTONIO Lobo.—Não ha paridade entre os casos.

O Sr. Epitacio Pessoa.—Hoje, entretanto, invocamos com calor todos estes precedentes, para justificar a indicaçáo apresentada pelo illustre senador governista, em substituição ao requerimento offerecido pelo minoria!

O Sr. ANTONIO Lobo.—O que admiro é o esforço feito para não se chegar á esse accordo.

O Sr. Epitacio Pessoa.—Sr. presidente, creio ter de- monstrado como cabia nas minhas forças...

Vozes.—Perfeitamente, brilhantemente.

O Sr. Epitacio Pessoa.—O requerimento brillan- temente justificado pelo digno representante do Rio Grande do Sul, não fere as praxes adoptadas neste par- lamento, nem nos parlamentos congeneres; creio ter demonstrado que a indicaçáo apresentada pela maioria da casa trata em seu bojo unicamente o intuito de pro- tectar a memora de documentos.

O Sr. ANTONIO Lobo.—E' uma injuria gratuita feita á commissáo.

O Sr. Epitacio Pessoa... deo, que vai tornar a soluçáo final do assumpto dependente do parecer da commissáo de legislaçáo e justiça, cuja opináo não pôde ser anteriormente emitida por falta dos esclarecimen-

tos precisos, e nada pôde adiantar sobre a obrigaçáo constitucional que tem ou não o primeiro magistrado da Republica de exhibir as provas justificativas do seu acto. (Apartes).

O requerimento da bancada opposicionista, Sr. presidente...

O Sr. ANTONIO Lobo.—Condemação preventiva. Vozes.—Não tem, ainda uma vez.

O Sr. Epitacio Pessoa.—No tem, ainda uma vez o digo, os intuitos partidarios que nelle procuram descobrir os nobres deputados; significa unicamente o reconhe- cimento de um direito constitucional, que pertence a esta Camara.

Não queremos que os documentos pedidos sejam en- tregados individualmente a cada um de nós, como suppe- lo o nobre representante do districto federal; não queremos sobre elles levantar a responsabilidade e ini- ciar o julgamento do Sr. vice-presidente da Republica.

Não! A hora suprema do julgamento ainda não soou! O dia memoravel em que o Sr. marechal Floriano Peixoto ha de comparecer perante a nacao, para responder por todos os actos em que tem deservido a Republica, ha de chegar mais tarde, em o credito firmemente por honra do Congresso de meu pai, por honra dos bríos de minha patria!

Vozes.—Muito bom. (Varios Srs. deputados trocam apartes).

O Sr. Epitacio Pessoa.—S. Ex. ha de responder en- tão pela anarchia sem nome em que tem envolvidos todos os pontos da Republica, desde as fronteiras do Amazonas até os confins do Rio Grande do Sul. (Apar- tes).

Varios Srs. deputados dão apartes.

O Sr. Epitacio Pessoa.—S. Ex. ha de responder en- tão pelo desastre, pelo despojo, pelos odios e pro- phecias que tem suscitado a alma popular, contra esta institucáo que ella accitara jubilosamente.

O Sr. Epitacio Pessoa.—Protesto.

O Sr. Epitacio Pessoa.—... como a aurora promissa- ra de todas as suas liberdades, o que dia a dia se vai convertendo no quantum de ferro aspidiotico de todos os seus direitos. (Apartes).

Entáo S. Ex. ha de responder pela morte da federa- çáo, pelo aniquilamento da autonomia estadual, con- seguido a golpes de bayoneta e a tiros de canhão (apoi- ados), pelo espingardamento barbaresco e cruel do povo em massa, (trocam-se muitos apartes) pelo bombardeio de todas as cidades brazileiras, pela violaçáo de todos os direitos e liberdades; pelo desvirtuamento dessa Con- stituçáo que S. Ex. promettera o jurou restabelecer e que hoje na ponta de sua espada, passava como um trophéo sinistrio por todos os ambientes deste paiz, estar- rapada, evulvida, coberta de pó e ensanguada de san- gue!

Vozes.—Muito bem! Muito bem!

Dupla e prolongada salva de palmas no recinto e nas galerias; o orador é abraçado e muito comprimen- tado).

José Londres

Victima de terrivel e cruel enfermidade falle- ceo nesta cidade o distincto e estimavel Sr. José Londres.

Nem a solicitude amorosa e quasi mat- rnal de seo presado mano, desvelando-se em proporcionar-lhe todos os confortos e me- dios que podessem debellar a molestia assas- sina, nem o cuidado e interesse constante que pela sua saude tomava o medico, incan- savel em accorrer em todas as occasiões, poude atalhar a carreira precipite e fatal.

De muito acostumarmos a estimar e pre- ciosamente bem collocado, elle não procedia como muitos que renegam o berço, e desco- nhecem os contrageiros: o seo coração largo e generoso, a sua natureza amoravel, franca e sincera, a par de um bello caracter, attraíra á todos os patrios, dispensando-lhes favores e delicadezas. Todos o conheciam e rendiam homenagem ás suas qualidades; e mesmó no Recife, por esses predicados, era muito consi- derado, gozando de geral estimacáo.

Bem moço, muito moço, quando começava a sorrir-lhe a existencia, fazendo entrever um futuro de esperanças, invadio-lhe o organismo o germen fatal...

Do seu digno irmão, acabrunhado e desola- do por tão sensivel perda, e á sua Exm.ª familia, apresentamos nossas profundas e sentidas condolencias.

Rio Grande do Sul

Acerra dos ultimos acontecimentos politicos d'esse Estado encontramos n' O Tempo os seguintes telegrammas.

—Porto Alegre, 15.—O Dr. Barros Cassal, julgando- se offendido com um artigo publicado na Federaçáo que o insulta brutalmente, acaba de chamar á respon- sabilidade o redactor desse jornal, sendo suo advogado o Dr. Severino Freire.

—O Jornal do Commercio do hoje publica um tele- gramma dessa capital, dizendo constar que o Dr. Antáo de Faria continuará no ministerio com a condicáo do governo federal intervir na policia deste Estado.

Essa noticia tem causado pessima impressáo aqui.

—Porto Alegre, 15.—Passaram hoje por Santa Maria do Gachupin de novo destino á esta capital o 29.º batalhão de infantaria e um parque de artilharia.

—As forças que achavam-se reunidas e acampadas em Sayeron foram dissolvidas.

—O espirito publico está sobrelentado; o caso o go- verno intervindo com as forças federaes na policia des- te estado, em um conflicto é imminente.

—O visconde de Pelotas continua a receber adhesões.

—Porto Alegre, 16.—O visconde do Pelotas, chefe da junta governativa, recebeu uma denuncia, que levou ao conhecimento do general Bernardo Vasques, de que do arsenal de guerra tem sahido armamento e muni- ções para a gnto do partido do Dr. Julio de Castilhos, em commando do districto militar, segundo dizem, tem recommendado a mais completa neutralidade ás forças sob suas ordens.

—Pela madrugada chegou o 20.º batalhão de infan- teria, e uma ala do 3.º, que foram recolhidos aos qua- rteis.

Continúa-se pensando que, intervindo as forças fede- ras na policia deste Estado, o conflicto será imminen- te. O espirito publico continua sobrelentado.

—No dia 18 na cidade de Porto Alegre o cidadão Castilhos, o general Frota e o coronel Flores acompanhados por grande numero de populares e 150 praças de policia, dirigiram-se ao palacio do governo, e depois da ren- diçáo da guarda que ahi se achava, entraram e installaram no governo e cidadão Cas- tilhos, o qual nomeou para vice-presidente o ci- dadão Victorino Monteiro, passando a elle o governo.

O general Tavares por sua vez assumio tam- bem o governo do Estado na cidade de Bagé. No dia 1 todas as autoridades gasparistas submeteram-se e entregaram os respectivos car- gos aos successores nomeados.

O general Silva Tavares mantem o governo em Bagé e arringenta forças na fronteira. Pinheiro Machado e Izidoro marcharam contra aquelle.

Está proximo um encontro das duas forças. O governo ordenou ás forças federaes que sustentem o Dr. Victorino Monteiro.

O que acontece em um minuto

—Em um minuto gyra a terra 13 milhas em seus movimentos diversos de rotaçáo e 1.080 no de translaçáo.

Em um minuto um raio de sol caminha... 11.160.000 milhas para chegar á terra.

Em um minuto nascem no mundo perto de 80 crianças, e no mesmo periodo morre quasi igual numero de rezes humanas.

Em um minuto produz o som 999 vibra- ções e o estampido do canhão 2.228.002.

Em um minuto um trem expresso da ferro- carril percorre uma milha; e um bond 200 me- tros; um cavallo o trote largo 836 e um ho- mem a passo apressado 112.

A'Egreja e a bandeira nacional

Lemos no «Jornal do Commercio» do dia 17:

Incidente digno de nota dou-se hontem por occasião da festa de «Corpus-Christi» na igreja Cathedral deste Bispoado.

S. Exc. Rm. o Sr. Bispo da diocese, Conde do Santo Agostinho, onepava-se do seu trem á porta da Cathedral, onde ia assistir ao Pontifi- cal, e era recebido pelo corpo capitular, quan- do aproximou-se delle o Sr. coronel Malvino da Silva Reis, acompanhado da officialidade do 2.º batalhão de infantaria da guarda nacional, e sollicitou de S. Exc. Rm. a graça de benzer a bandeira daquelle batalhão.

O Sr. Bispo Diocesano recusou-se a este acto e para que não houvesse duvida sobre seus motivos, dignou-se de expendel-os.

De varios dos circumstantes podemos obter as suas proprias palavras que, cotajadas, são aqui reproduzidas.

Disse S. Exc. Rm. que a bençáo da ban- deira de uma nação significava os votos que a Egreja Catholica faz, em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, pela prosperidade e denomi- naçáo justa da nação e supplicas ao Céu pela defessa dos que pugnam pelo legitimo engrandecimento de sua Patria; que a Egreja estava sempre prompta a concorrer para o engrandecimento e triumpho da Patria; que hoje benzeria as bandeiras do exercito brasileiro com a mesma fé e religião com que foram des- fraldadas nos gloriosos campos do Paraguay e voltaram victoriosas.

«No presente momento, porem, disse o Sr. Bispo com muita calma, e não posso benzer esta bandeira que me é apresentada, pois não representa somente o sentimento nacional, a unificação dos brazileiros, o amor da patria,—mas tambem o emblema, o symbolo de uma seita.»

Concluindo disse S. Exc. Rm. que orava para que o estandarte de nossa Patria significasse a união de todos os brazileiros, e declarando que o Sr. coronel Malvino e seus companheiros poderiam assistir ao Pontifical e receber entáo a bençáo que daria a todos os seus diocesa- nos.

Da Democracia, de Assumpção, extrahimos o seguinte:

«No dia 7 houve um encontro entre as forças revolucionarias e as de Cuyabá, fleis ao governo federal, dando-se grande mortandade. Calcula-se em 1.200 a 1.500 as perdas de ambos os lados. Morreram, da parte dos revolu- cionarios, os capitães Norberto e Lucas e o tenente Mamode.

«O ataque dos revolucionarios foi repellido, ficando Cuyabá sob o dominio das forças fede- ras, commandadas pelo general Ponco.

«Cuyabá foi theatro de toda a sorte de ex- cessos e violencias. As familias dos revolu- cionarios soffreram muitissimo.

«Os irmãos Lopes, Deiclla e San Pedro capi- tanavam em Cuyabá um grupo de paraguayos contra os revolucionarios.

«Em Corumbá manifestava-se geral indigna- çáo contra o révez experimentado. Prepa- ravam-se tropas para nova invasáo á Cuyabá, ás ordens do coronel Barbosa.

«Iria tambem o batalhão dos patriotas. Este batalhão é composto de estrangeiros volun- tarios ou forçados, em sua maior parte para- guayos.

Em Coimbra estão preparados para repellir qualquer ataque dos couraçados.»

Ao ser-lhe offerecida pelo Dr. Porciuncula a reelegçáo de Senador federal, Quintino Bo- cayuva deu a seguinte expressiva resposta, que importava a recusa mais formal:

«Eu só não me deporto porque não tenho dinheiro.»

O que acontece em um minuto

—Em um minuto gyra a terra 13 milhas em seus movimentos diversos de rotaçáo e 1.080 no de translaçáo.

Em um minuto um raio de sol caminha... 11.160.000 milhas para chegar á terra.

Em um minuto nascem no mundo perto de 80 crianças, e no mesmo periodo morre quasi igual numero de rezes humanas.

Em um minuto produz o som 999 vibra- ções e o estampido do canhão 2.228.002.

Em um minuto um trem expresso da ferro- carril percorre uma milha; e um bond 200 me- tros; um cavallo o trote largo 836 e um ho- mem a passo apressado 112.

A'Egreja e a bandeira nacional

Lemos no «Jornal do Commercio» do dia 17:

Incidente digno de nota dou-se hontem por occasião da festa de «Corpus-Christi» na igreja Cathedral deste Bispoado.

S. Exc. Rm. o Sr. Bispo da diocese, Conde do Santo Agostinho, onepava-se do seu trem á porta da Cathedral, onde ia assistir ao Pontifi- cal, e era recebido pelo corpo capitular, quan- do aproximou-se delle o Sr. coronel Malvino da Silva Reis, acompanhado da officialidade do 2.º batalhão de infantaria da guarda nacional, e sollicitou de S. Exc. Rm. a graça de benzer a bandeira daquelle batalhão.

O Sr. Bispo Diocesano recusou-se a este acto e para que não houvesse duvida sobre seus motivos, dignou-se de expendel-os.

De varios dos circumstantes podemos obter as suas proprias palavras que, cotajadas, são aqui reproduzidas.

Disse S. Exc. Rm. que a bençáo da ban- deira de uma nação significava os votos que a Egreja Catholica faz, em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, pela prosperidade e denomi- naçáo justa da nação e supplicas ao Céu pela defessa dos que pugnam pelo legitimo engrandecimento de sua Patria; que a Egreja estava sempre prompta a concorrer para o engrandecimento e triumpho da Patria; que hoje benzeria as bandeiras do exercito brasileiro com a mesma fé e religião com que foram des- fraldadas nos gloriosos campos do Paraguay e voltaram victoriosas.

«No presente momento, porem, disse o Sr. Bispo com muita calma, e não posso benzer esta bandeira que me é apresentada, pois não representa somente o sentimento nacional, a unificação dos brazileiros, o amor da patria,—mas tambem o emblema, o symbolo de uma seita.»

Concluindo disse S. Exc. Rm. que orava para que o estandarte de nossa Patria significasse a união de todos os brazileiros, e declarando que o Sr. coronel Malvino e seus companheiros poderiam assistir ao Pontifical e receber entáo a bençáo que daria a todos os seus diocesa- nos.

Da Democracia, de Assumpção, extrahimos o seguinte:

«No dia 7 houve um encontro entre as forças revolucionarias e as de Cuyabá, fleis ao governo federal, dando-se grande mortandade. Calcula-se em 1.200 a 1.500 as perdas de ambos os lados. Morreram, da parte dos revolu- cionarios, os capitães Norberto e Lucas e o tenente Mamode.

«O ataque dos revolucionarios foi repellido, ficando Cuyabá sob o dominio das forças fede- ras, commandadas pelo general Ponco.

«Cuyabá foi theatro de toda a sorte de ex- cessos e violencias. As familias dos revolu- cionarios soffreram muitissimo.

«Os irmãos Lopes, Deiclla e San Pedro capi- tanavam em Cuyabá um grupo de paraguayos contra os revolucionarios.

VARIÉDADE

A CONFISSÃO

Margarida de Therelles ia morrer. Se bem que tivesse somente cincoenta e seis annos, parecia pelo menos ter setenta e cinco.

Aquejára, mais pallida do que os loções, agitada por calafrios terríveis, com o rosto convulsivo, os olhos todo abertos, como se alguma coisa horrivel lhe tivesse apparecido. Sua irmã mais velha, de seis annos, Suzanna, de joelhos perto da cama, soluçava.

Em uma pequena mezinha, collocada perto do leito da agonizante estavam duas velhas encostas, porque se esperava o padre, que devia dar a extrema-unção e a ultima communhão.

O agonente tinha esse aspecto sinistrio que tem os quartos dos moribundos, esse ar de adous desesperado. Lemedros jaziam nos moveis, pedaços de panno adavari nos cantos, repellidos com um ponta-péu com uma vassoura.

As cadeiras em desorden pareciam mesmo esta- rem espantadas, como se tivessem corrido em todos os sentidos. A terrivel morte estava alli, escondida, esperando.

A historia das duas irmãs era commovente. Citavam-se de longe; fizera muitos olhos chorarem.

Suzanna, a mais velha, fora amada loucamente, outrora, por um moço que tambem amava. Tinha sido noivos á noite se esperava a mais senão o dia marcado para o contracto, quando Henrique de Sampaierre morreu subitamente.

O desespero da moça foi terrivel e ella jurou não mais se casar.

Cumpriu sua palavra e tomou luto de viuva, que nunca mais deixou.

Entáo a irmã, sua irmãzinha Margarida, que não tinha ainda senão doze annos, veiu, uma manhã, lançar-se nos braços da mais velha e disse-lhe: «Minha irmã, não quero que sejas infeliz. Não quero que chores durante toda tua vida.

Nunca, nunca te deixarei. Quanto a mim, tambem não me casarei. Ficarei sempre perto de ti.»

Suzanna abraçava-a com toda a dedicaçáo de creanças, mas não acreditou nella.

A menina, porem, cumpriu sua palavra e, apesar das supplicas dos paes, apesar dos rogos da irmã, nunca se casou. Era bonita, muito bonita mesmo, reusou varias rapazes, que pareciam amal-a; nunca mais deixou a irmã.

Viveram juntas todos os dias da sua existencia, sem se separarem uma só vez.

Cambiarum pela vida, lado a lado, inseparavelmente. Margarida, porem, parecia estar sempre mais triste, mais acabrunhada do que a irmã, como se talvez o seu sacrificio a tivesse quando, envelheceu mais depressa, cres- ceram cabelos brancos, desde a idade de 30 annos e, quasi sempre doente, parecia consumida por um mal, que a roía.

E, agora, ia morrer em primeiro lugar. Não fallava ha vinte e quatro horas. Dissera somente aos primeiros clareos da aurora: «Sr. vigário, eis o momento supremo.

«Meu coração, Sr. vigário, está do momento supremo. E em seguida, ficara deitada de costas, com os olhos, com os labios agitados, como se tivesse palmas vivos sem subito ao coração, sem poderam sohr e os olhos esbugalhados pelo terror. Sua irmã, perdida de choros, chorava angustiosamente, com a cabeça possada nas bordas do leito e repetia:

«Margaridinha, minha pobre Margaridinha... Ouviram-se passos na escada.

A porta abriu-se. Um menino do ouro appareceu se- guido por um velho padre, em habitos talares. Desde que a irmã a moribunda seutou-se com um pulo e começou a arranhá as unhas, como se quizesse fazer um buraco nella.

O abbade Simon aproximou-se, tomou-lhe a mão, beijou-a na testa e, com voz doce, disse: «Deus lhe perdoe, minha filha!; tenha coragem, eis o momento chegado... falla...

Entáo Margarida, tremendo da cabeça aos pés, sacudo- do a cama, com seus movimentos nervosos, balbucio:

—Senta-te, minha irmã, e escuta.

O padre abaixou-se para Suzanna, sempre calada aos pés da cama, levando-a, collocou-a em uma cadeira e, segurando em cada mão, a mão de uma das duas irmãs, exclamou:

—Senhor meu Deus! dá-lhes força, lance sobre ellas a sua misericordia.

E Margarida pôde-se a fallar. As palavras sabiam-lhe da garganta uma á uma, roucas cantadas, como que extenuadas.

—Perdoe, perdoe, minha irmã! Oh! se soubesses, co- mo tudo meo deo momento, em toda minha vida... Suzanna, por entre as lagrimas, murmurava: «Perdonar-te o que? Deste-me tu, sacrificaste-me tudo... és um anjo.»

Margarida, porem, interrompeu-a: «Calate, calate! Deixa-me dizer... não me interrompas... E' horrivel... deixa-me dizer tudo até ao fim sem paiz... Escuta... Lembra-te... elimbras-te... de Henrique...?

Suzanna estremeceu e olhou para a irmã, que conti- nuou: «E' preciso que onças tudo para comprehender. Tinha doze annos, somente doze annos, lembraes-te? E coberta de mimos, fazia tudo o que queria... Escuta! Na primeira vez, que elle veio, tinha botas covinhas d'água; desceu do cavallo diante do vestibulo e pe- dia desculpas pelo rujo em que estava, mas vinha tra- zer uma noticia a puzer que me salvava... Lembraes-te... não é assim?... Não digas nada... escuta. Quando o vi, fiquei tudo surpreendida, tanto o achi bo- nito e fiquei em pé em um canto da sala, durante todo o tempo que fallou. As creanças são singulares... e ter- rivéis... Oh! sim... sonhei com elle!

Por varias vezes elle voltou... olhava-o com todos os meus olhos, com toda minha alma... era grande para mi- nha idade... e muito mais astucioso do que se pensava. Voltou muitas vezes... Não pensava senão nello.

Pronunciava baixinho: «Henrique... Henrique de Sampaierre! Depois disseram que ia se casar contigo. Foi um dor... Oh! minha irmã, que tu se casar! Chores tres noites, sem dormir.

Todos os dias, depois do seu abito, elle vinha, lem- bras-te?... Não digas nada, escuta... Tu lhe fazias bolos, de que elle gostava muito... com farinha, manteiga o leite... Oh! bem sei muito... como faziam!

Falava ainda e fosse proco, Engolia-os de uma só vez, e depois bebia um copo de vinho, dizendo:

«E' delicioso. Recordas-te como elle dizia isto? Estava com ciúmes!

«Um momento do teu casamento aproximava-se. Não faltavam senão quinze dias. Estava ficando louca. Dizia com-ingo: «Não quero que elle se case com Suzanna, não quero!

«Ha de ser commigo que se casará, quando ficar gra- de. Nunca acharei um homem de que gosto tanto... «Uma noite, porem, dez dias antes do teu contracto, passeieste com elle, no castello, ao chiaro da lua... e li em um baixo... sob o pinheiral... abraçou-te... por muito tempo!

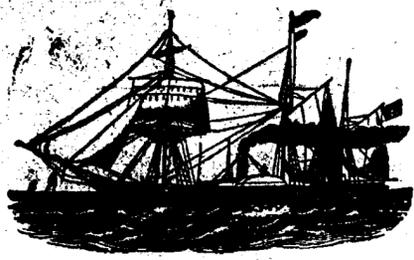
Lembraes-te, não é assim!

«Tu os vi; estava escondida por detraz de uma arvore, e via uma raiva! Se pudeses, tinhas-os matado! Disse en- tão, commigo: Nunca elle se casará com Suzanna, não se casará com ninguém... seria infeliz demais... E, de repente, puz-me a odial-horrevemente.

«Entáo, sabes o que fiz?... escuta: Tinha visto o jar- dinheiro preparar bolas para matar cães. Queria uma garrafa com uma pedra e puz-lhe o vidro pilado em uma bola de carne.

«Tirou uma garrafinha de remedio de maná, esmigal- lheia-a com martello e escondi o vidro no meu bolso! Era um pé, brilhante. No dia seguinte, quando acabavas de fazer os bolinhos, cortei-os com uma faca e puz o vidro dentro... Elle comeu tres... e tambem comi um... Atira- os outros tres... no tanque... os dois cymes morra- ram tres dias depois... Lembraes-te?... oh! não digas na- da... escuta... escuta... Só eu é que não morri... mas estive sempre doente... Elle morreu... tu bem sabes... escuta... não é nada disto... Foi depois, mais tarde... sempre... o mais terrivel... escuta... Minha vida, toda minha vida... que tortura! Disse commigo: nunca mais deixarei minha irmã, E dir-lhe-hei tudo, no momento de morrer... E depois, tanto pensando sempre nesse mo- mento, em que te contaria tudo... Elle chegou... E' terrivel... Oh! minha irmã!

Tenho pensado nisto dia e noite! Será preciso que



LLOYD BRAZILEIRO

SECÇÃO DE NAVEGAÇÃO

DA

EMPRESA DE OBRAS PUBLICAS NO BRAZIL.

PORTOS DO SUL
O PAQUETE

ALAGOAS

Commandante A. Ferreira da Silva.

E' esperado até o dia 3 de Julho proximo dos portos do Sul, o paquete **Alagoas**, o qual seguirá para os do Norte e sua escala no mesmo dia as 3 horas da tarde.

PORTOS DO NORTE
O PAQUETE

MARANHÃO

Commandante G. de Castro.

E' esperado dos portos do Norte, até o dia 3 de Julho, o paquete **Maranhão**, o qual seguirá para os portos do Sul no mesmo dia as 3 horas da tarde.

Chamo a attenção dos Srs. carregadores para o conhecimento da clausula 10.ª que é o seguinte:

« No caso de haver alguma reclamação contra a Companhia por avaria ou perda, deve ser feita por escripto ao agente respectivo no porto da descarga, dentro de 3 dias depois de finalizar. Não precedendo esta formalidade a Companhia fica isenta de toda a responsabilidade. »

Para cargas, passagens e valores, a tratar com o agente,

AUGUSTO GOMES E SILVA.

30—RUA VISCONDE DE INHAUMA—30

ADVOGADO

BACHAREL JOÃO PEQUENO

Advoga no foro d'esta Capital e das Comarcas vizinhas e do centro.

ESCRITORIO

6—RUA VISCONDE D'INHAUMA—6

PARAHYBA

CASA A VENDA

Vende-se a casa n.º 1 do Becco do Tanque, com bons commodos para familia e por modico preço; á tratar na mesma com o proprietario respectivo.

Criado

Precisa-se de um na Rua d'Arcia n.º 72.

LOJA

DE

Manoel Henriques de Sá

OBJECTOS PARA ESCRITORIOS E REPARTIÇÕES PUBLICAS

Escrivaninhas de metal fino, Tinteiros de cristal, Pennas Perry, Mallat e Faber, Canetas, Lapes preto, cores e de borracha, Papel e Envelopes para cartas, Papel e Envelopes para officios, Papel passento, Livros em branco, Copiadores de cartas, Regoas de ebano, Pesos de cristal para papel, Buvard, Timpanos e Campas de metal, Raspadeiras, Canivetes, Tesouras, Tinta preta e de copia, Livros de procurações e Traslados, Gomma arabica em frascos.

Estes artigos são dos melhores fabricantes da Europa.

Artigos para cabelleiros

Navalhas, Pinceis, Tesouras, Sabão em lata, Oleo, Agua tonica, Tinta para tingir cabellos de brancos para pretos e de pretos para louros.

Todos estes artigos se recommendam pela sua superior qualidade.

40 RUA MACIEL PINHEIRO 40

MOLESTIAS DOS OLHOS

O ESPECIALISTA

DR. DAVID OTTONI

ANTIGO ALUMNO DOS PROFESSORES WECKER, (PARIZ) E BECKER (HEIDELBERG)

Dará consultas e fará tratamento das molestias dos olhos todos os dias das 7 horas da manhã em diante

HOTEL D'EUROPA
PARAHYBA.

ADVOGADO

BACHAREL ANTONIO HORTENCIO C. DE VASCONCELLOS

ESCRITORIO — RUA DIREITA N.º 25

RESIDENCIA — RUA DAS TRINCHEIRAS N.º 21

PARAHYBA.

E' BARATO

Vende-se por preço modico uma cama para casal e duas bancas, em perfeito estado.

A' tratar na rua da Lagôa dô detraz, casa n.º 14.

COMPRA-SE duas casas, uma maior e outra menor, no bairro alto desta Cidade, á tratar na Rua da Mangueira n.º 13

O PELICANO

LOJA DE MIUDEZAS E ARTIGOS DE FANTASIAS.

Fabrica de livros para escripturação mercantil e repartições publicas.

OFFICINAS DE

Typographia, Lithographia, Pautação, Encadernação e

Fabrica de carimbos de borracha.

VARAS DOURADAS PARA MOLDURAS.

O PELICANO mandou vir da Europa um apparelho especial para serral-as, facilitando assim aos compradores transportal-as e armal-as sem prejuizo algum.

Papel de ferro para salas.

Sapolio artigo este indispensavel em qualquer casa de familia.

Tinta para marcar roupa.

Grande sortimento de brinquedos para crianças.

Meias para homens, senhoras e meninos.

Calçados nacionaes e estrangeiros.

Fitas de todas as qualidades, côres e larguras.

Collarinhos e punhos.

Chapéos de sol e bengalas.

Campas electricas, que podem ser montadas por qualquer pessoa.

Candieiros e lustres de cristal.

Papel de todas as côres e qualidades.

Encerados para mesa, de bellissimos padrões.

Objectos para escriptorios.

Escovas para todas as necessidades domesticas.

Esplendido sortimento de gravatas.

Objectos de vidros para toilette.

LOJA DO PELICANO

Nas officinas d'O PELICANO timbra-se cartões de visita com maxima rapidez.

Os proprietarios deste importante estabelecimento comercial confiam no auxilio do publico como recompensa aos seus esforços.

AO PELICANO

Jayme Seixas & C.^a — Rua Maciel Pinheiro 30 — Parahyba.

GRANDE LOTERIA DA BAHIA

1.500:000\$000

Divididos em 3 sorteios

Extracção a 9 de Julho proximo

Bilhetes a venda em mão de

PAULO DE ANDRADE.

CIMENTO NACIONAL

DA
ILHA DO TIRIRY

Qualidade superior ao importado do estrangeiro.

VENDEM A PREÇOS RASOAVEIS

Paiva, Valente & C.^a

(30) 13

ADVOGADO

BACHAREL INOJOSA VAREJÃO

ADVOGA NOS AUDITORIOS DESTA CAPITAL.

ESCRITORIO E RESIDENCIA

RUA DA MATRIZ N.º 2.

VINHO COLLARES SUPERIOR

EM BARRIS DE DECIMOS

RECEBERAM DIRECTEMENTE e vendem a preços rasóaveis.

PAIVA, VALENTE & C.^a

(30) 13

MUSICA

Walsa—GORGEIO DOS PASSARINHOS—

Vende-se na Loja d'O PELICANO.

SITIO

Vende-se uma bda casa com grande quintal o plantações na Travessa do Bom Jesus. A tratar com Ferroira & C.^a Rua Maciel Pinheiro n.º 46.

COMMERCIO

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL

Segunda-feira 27 do corrente, entrou em exercicio do cargo de director de semana o socio effectivo,

Tenente-coronel Luiz da Silva Baptista.

PAUTA DA SEMANA DE 27 DE JUNHO A 2 DE JULHO DE 1892

PREÇOS DOS GENEROS SUJEITOS A DIREITOS DE EXPORTAÇÃO

Alcool	litro	300
Aguardente de canna	litro	200
» mel	idem	150
Algodão em rama	kilo	600
» fio	idem	650
Arroz em casca	idem	060
» descascado	idem	180
Assucar branco	idem	300
Dito refinado branco	idem	500
Dito mascavado	idem	240
Dito bruto	idem	150
Borracha de mangabeira	idem	1\$000
Café bom	idem	1\$000
» restolho	idem	800
» torrado e muido	idem	1\$500
Cal	litro	050
Carne secca (xarque)	kilo	500
Charutos bons, em caixa	cento	4\$800
» ordinarios	idem	
Couros de boi	kilo	400
Ditos de bode e outros	idem	1\$000
Cigarros	milheiro	7\$000
Doce de goiaba	kilo	800
Fumo bom em folha	idem	900
» ordinario em folha	idem	700
» em rolo	idem	900
» picado	idem	1\$200
» desfiado	idem	1\$500
Feijão	litro	300
Farinha de mandioca	idem	100
Genebra	idem	400
Giaca e sebo	kilo	400
Milho	litro	050
Ossos	kilo	020
Pannos d'algodão	idem	800
Pontas de boi	idem	100
Queijos de qualquer quaidado	idem	1\$000
Rapé	idem	1\$500
Resina de cajueiro	idem	100
Sabão	idem	333
Sal	litro	020
Sementes de algodão	kilo	013
Ditas de mamoua	idem	050
Tartaruga	idem	3\$000
Unhas de boi	idem	100
Vallas stevarinas	idem	1\$000
Vallas de cera	idem	1\$400
Vinagre branco	litro	200
Vinagre tinto	idem	200
Vinho branco	idem	400

GRANDE ARMAZEM

DE
GENEROS DE ESTIVA E REVENAÇÃO DE ASSUGAR



PAIVA, VALENTE & C.^a

PARAHYBA